

Percepção sobre ciências humanas de alunos de pré-vestibular:

Um teste-piloto

GABRIEL AGUSTINHO PIAZENTIN

RESUMO: O artigo advém de um interesse em pesquisar a percepção de alunos que encerram os estudos no Ensino Médio. Para tanto, foi realizado um questionário, em caráter exploratório, aplicado de maneiras presencial e online a estudantes de cursinhos pré-vestibular. A relevância do levantamento se dá a partir de dizeres que circulam, atualmente, sobre ciência em meio a um cenário de movimentos anticientíficos. Ora, se lugares já cientificamente consolidados são postos em questão, como no exemplo de movimentos terraplanistas e antivacinas, como se dá a percepção de ciências humanas? O questionário foi aplicado em três cidades do interior de São Paulo (Campinas, Piracicaba e São José dos Campos) e teve 40 respostas. Como resultado, tem-se o imaginário do cientista de laboratório, um homem branco de jaleco; bem como a dispersão de conceitos acerca de ciências humanas. Ressalta-se com os dados, ainda, o papel da Internet para busca de informação e a relação entre professores e alunos também com essa finalidade. Assim sendo, a Internet é um lugar de possibilidades de busca de conhecimentos, mas não se deve negar a relação entre alunos e professores. Dessa forma, se se pretende incentivar uma cultura científica desde a escola, tanto a tecnologia como o contexto escolar mostram-se relevantes acerca do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção pública de Ciência e Tecnologia. Ciências Humanas. Ciência

ABSTRACT: The article stems from an interest in researching the perception of students who finish their studies in high school. To this end, an exploratory questionnaire was applied, in person and online, to students in pre-university courses. The relevance of the survey is based on statements that are currently circulating about science amidst a scenario of anti-scientific movements. Now, if places that are already scientifically consolidated are called into question, as in the example of terraplanist and anti-vaccine movements, how does the perception of human sciences occur? The questionnaire was applied in three cities in the interior of São Paulo (Campinas, Piracicaba and São José dos Campos) and had 40 responses. As a result, there is the imagery of the laboratory scientist, a white man in a lab coat; as well as the dispersion of concepts about human sciences. The data also highlights the role of the Internet in seeking information and the relationship between teachers and students for this purpose as well. Therefore, the Internet is a place of possibilities for seeking knowledge, but the relationship between students and teachers should not be denied. Thus, if it is intended to encourage a scientific culture from school, both technology and the school context are relevant to the theme.

KEYWORDS: Public Perception of Science and Technology. Human Sciences. Sciences.

INTRODUÇÃO

Ao se falar em *ciência*, evoca-se alguma imagem sobre o tema em cada sujeito questionado a respeito. Pois, ao estar no mundo, se é, também, sujeito de linguagem, tomada em sua incompletude e com abertura para o equívoco (um dizer sempre pode ser outro) que se dá na relação com a materialidade histórica (ORLANDI, 2010, p. 40), ao se considerar seu aspecto exterior na relação com a memória e suas condições de produção dos dizeres. Nessa perspectiva teórica da Análise de Discurso de filiação francesa, nunca se diz e nem se interpreta fora da história.

Assim, é impossível também não interpretar diante de um objeto simbólico. Por exemplo, a palavra *ciência*, ou, mais específico, a formulação *ciências humanas*. Os fatos reclamam interpretações (HENRY, 2010, p. 47). Com esse cruzamento entre linguagem e história, o presente artigo é resultado de um questionário-piloto em que busca compreender as percepções acerca do que se entende por *ciências humanas* em determinado grupo de sujeitos, a saber, estudantes concluintes do Ensino Médio. Pode-se, ainda, entender *percepção* como *interpretação*. E, na mesma relação com a linguagem, “não há sentido sem interpretação” (ORLANDI, 2004, p. 21). Logo, ao produzir e aplicar o questionário, os sentidos de *ciências humanas* emergem, tanto para os pesquisadores como para os sujeitos que responderam as questões.

Afinal, o que se vê atualmente em discursos do senso comum é um descrédito para com as *ciências* e as universidades (em especial as públicas), inclusive com veiculações de tais ideias partindo de lugares institucionalizados, como esferas políticas de nível federal. Questões que até então pareciam solidificadas em áreas de *ciências da natureza* e da saúde são postas em dúvida, como em movimentos crescentes de terraplanistas e de famílias contrárias à vacinação de seus filhos.

Posto isso, o que sobraria às *ciências humanas* diante de tal cenário?

De fato, o próprio conceito de *ciência* é fruto de questionamentos e de múltiplas defini-

ções, não podendo ser tomado em sua evidente transparência e obviedade. Entre tantos pesquisadores de epistemologias, tem-se a definição de Popper (2013) de *ciência* como sendo aquela que produz teorias falseáveis.

Entretanto,

A filosofia e a epistemologia popperianas aparecem no fim das contas como filosofia e a epistemologia adequadas para que as *ciências humanas* tenham sido e sejam ainda reconhecidas como *ciências*. Sem falar das outras *ciências*, isto não quer dizer que as *ciências humanas* realizem efetivamente essa forma de saber, nem que esta, considerando seus objetos e modos de produção, seja de alguma forma realizável. Digo somente que elas são tidas como *ciências* pelo que elas parecem visar. (HENRY, 2010, p. 46-47).

Dessa forma, o trabalho se inscreve nessa gama de entremeios: entre a *ciência* e as *ciências humanas*; entre os movimentos anticientíficos de áreas (aparentemente) estabilizadas em decorrência de seus desenvolvimentos históricos e falseáveis; bem como, por fim, a percepção de jovens estudantes, em suas relações imaginárias e de memória histórica, acerca do que se tratam as *ciências humanas*. Todos esses pontos são, ainda, costurados com as recentes críticas que as universidades públicas têm sofrido nos últimos tempos, em especial nas áreas de humanidades.

O questionário foi aplicado a estudantes de cursinhos pré-vestibular nas cidades de Campinas (cursinho popular), Piracicaba (cursinho popular) e São José dos Campos (projeto social público).

A partir da temática e do público-alvo estabelecidos, buscou-se compreender como estudantes às vésperas de, possivelmente, ingressarem no ensino superior, percebem *ciência*, pseudociência e, em específico, as *ciências humanas*. Outro aspecto é o de movimentos anticientíficos estarem em pauta na sociedade e, com isso, produzir um deslocamento para que se observe um saber científico, o das *ciências humanas*, que, não ra-

ro, não apenas passa despercebido pela sociedade como, inclusive, com alguma frequência é sequer considerado ciência.

UTILIDADE CIENTÍFICA

“**N**o universo do utilitarismo, um martelo vale mais que uma sinfonia, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro” (ORDINE, 2016, p.12). No apêndice de tal obra, tem-se o manifesto de Abraham Flexner, intitulado “A utilidade do conhecimento inútil”, em que é citado o paralelo entre Clerk Maxwell (1831-1879) e Guglielmo Marconi (1874-1937).

Maxwell descobrira algo do mundo da natureza que até então não tinha utilidade nenhuma: as ondas eletromagnéticas. E de fato, a utilidade da descoberta não importava a Maxwell à época, conforme cita Flexner. Coube a Marconi, num tempo posterior, trazer essa aplicação: as ondas tomaram seu lugar útil na formulação do rádio. Até porque, o conceito de ciência por si só já é contraditório, debatido exaustivamente ao longo de séculos e que não caberia neste artigo. Caberia perguntar qual seria a finalidade hoje que se espera dela: a de produzir conhecimento ou a de produzir materiais e objetos a serem vendidos?

O paralelo pode ser feito, então, acerca de ciências humanas e de pesquisas em matemática básica, sendo vistas como áreas de conhecimento sem aplicabilidade útil – o que é uma falácia. Linguagem e matemática seriam, por assim dizer, conhecimentos de base que refletem nos desenvolvimentos de todas as outras áreas que se subdividem a partir delas. Porém, o que fica é a metáfora do peixe no aquário: para o peixe, a água que o envolve é algo que passa despercebido, naturalizado. Da mesma forma a linguagem nos envolve e nos significa no mundo, dando a impressão de já estar sempre ali, dada, óbvia. Despercebida.

Trata-se de um efeito de evidência, um “já lá”, resultado da inscrição histórica no interdiscurso: pelo fato de algo ser dito e significado anteriormente, em outro lugar, isso faz com que sejam possíveis retornos de sentido já estabelecidos (ORLANDI, 2010, p. 31). A partir disso, pode-se resgatar o enunciado “para que servem as ciências humanas?”. E não somente

elas, tendo como um sentido recorrente aquele que a ciência tem que ter como finalidade servir ao atual estado capitalista que se vive. Daí que qualquer conhecimento fora desse objetivo seria considerado inútil.

De certo que, se as condições sócio-históricas de Maxwell e Marconi já diferiam entre si, isso também pode ser dito acerca do que se tem hoje acerca de ciências e pesquisas universitárias. Entende-se, pois, que, se a maioria das pesquisas em programas de pós-graduação, no Brasil, se dá em universidades públicas, financiadas com impostos de contribuintes, espera-se que haja algum retorno, óbvio, aparente, *útil*. Com isso, parece que não caberia argumentar a favor de pesquisas de base, que não teriam um resultado imediato para essa mesma sociedade que a financia – que não deixa de ser outra falácia intelectual, mas com forte peso argumentativo.

Diante disso, tantos outros temas também vêm à tona, como o próprio distanciamento da sociedade para com centros universitários, tidos como inacessíveis, elitistas; bem como o fato de que 52,6% dos brasileiros com mais de 25 anos não terminou o ensino médio (Pnad 2018)¹. O distanciamento científico se relaciona, afinal, com o gargalo do ensino básico.

PRODUÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário, anexado ao final do artigo, se constitui em duas partes. As questões de 1 a 5 trataram de uma visão geral acerca de ciência, pseudociência e ciências humanas. As questões de 1 a 3 exploram o tema geral da ciência, questionando como os entrevistados avaliam seus interesses pelo tema, com que frequência buscam se informar sobre o assunto e por qual meio fazem isso. A questão 4, dissertativa, pergunta sobre qual a imagem que se tem quando se fala de um cientista – daí a observar se existe um imaginário padrão de cientista “de laboratório” ou cientista na qualidade de um pesquisador. Ao final dessa primeira parte, a questão 5 pede que sejam assinalados quais dos campos da questão seriam considerados científicos ou não. Tem-se, com isso, exemplos que vão desde a Engenharia à Cientologia, da Economia ao Feng Shui.

“(...) a internet se mostra com total relevância ao se falar na busca por informação sobre ciência.”

A segunda parte, referente às questões 6 a 9, focalizam o tema das ciências humanas. No questionário online optou-se por colocar um botão para seguir à página seguinte ao final da questão 5, como forma de diferenciar as partes. No questionário impresso, cada uma das partes ficou separada em lados diferentes da página.

A questão 6 traz apenas áreas que são de fato científicas, entre exatas, humanas, tecnológicas e de saúde, e pede-se que sejam enumerados graus de importância de cada uma delas, sendo 1 o menos importante e 4 o mais importante. Não se optou por trabalhar com variação de 1 a 5 por não deixar espaço para que houvesse uma média 3, em que não se definiria maior ou menor importância. A questão traz, entre as opções, áreas sabidamente conhecidas como ciência, como no caso de Física, Biologia e História, bem como outras que, cogita-se, teriam sua cientificidade/área de conhecimento e pesquisa não tão evidente, como Direito, Arquitetura e Design de Games.

A questão 7 pergunta o grau de confiança em certos atores da sociedade quando falam de ciência, partindo da ideia de que alguns desses são têm mais credibilidade ao senso comum (mesmo que não sejam cientistas), como no caso de bombeiros e médicos, e outros são menos confiáveis, como políticos e, mais recentemente, jornalistas², conforme se observou na seção anterior. A ideia advém de levantamentos anteriores que investigam o grau de confiança de tais atores sociais, mas, no caso, eles são recuperados como veiculadores de ciência (ou de informações sobre ciência).

A questão 8, dissertativa, pede que o entrevistado explique o que entende por ciências humanas. Por fim, a questão 9 traz apenas áreas de ciências humanas e pede-se que sejam enumerados graus de conhecimento

acerca de cada uma delas, sendo 1 o menos conhecido e 4 o mais conhecido. A questão traz, entre as opções, áreas de conhecimento que variam da Geografia à Teologia, da História à Administração.

APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

No dia 31 de outubro de 2019, o questionário foi aplicado em meio impresso a estudantes de um cursinho popular de Piracicaba, tendo 10 respostas. No dia seguinte o link do formulário em meio digital foi compartilhado no grupo de WhatsApp do mesmo cursinho e não teve nenhuma resposta. Em 1º de novembro de 2019 o link do formulário com o questionário foi publicado num grupo de WhatsApp de uma turma, também de alunos em situação pré-vestibular, de escola pública de São José dos Campos, tendo 30 respostas até o dia 2 de novembro de 2019. Em 4 de novembro de 2019, o link do formulário foi publicado num grupo de WhatsApp de um cursinho popular de Campinas e ninguém respondeu.

Atenta-se, pois, para as diferentes modalidades, físicas e digitais, de aplicação do mesmo questionário, bem como o interesse, ou a falta dele, em se participar de tal levantamento.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS

O resultado vai ao encontro de outros levantamentos, já citados neste trabalho, 24 pessoas disseram ter muito interesse; 9 disseram ter total interesse; 7 disseram ter pouco interesse e 0 disse ter nenhum interesse.

Sem dúvida, a internet se mostra com total relevância ao se falar na busca por informação sobre ciência. Cabe ainda apontar que, mesmo com entrevistados em sua maioria com menos de 20 anos de idade, destaca-se o

espaço ocupado por meios impressos, como as revistas e jornais, bem como, ao se comentar outras opções, surgir o espaço que a escola tem na informação desses estudantes. Em época de debate sobre *homeschooling* e Ensino a Distância é interessante de se apontar, da mesma forma que o papel do professor como alguém de confiança quando se fala de ciência. Essa questão, de múltiplas respostas possíveis, teve 40 pessoas dizendo que buscam informação sobre ciência na internet (ou seja, todos); 16 em televisão; 10 em revistas (impressas); 8 em jornais (impressos); 7 em outros (como a escola); ninguém relatou não se informar.

A questão, dissertativa, sobre qual imagem as pessoas têm de um cientista, teve algumas das respostas como sendo: “A imagem de uma pessoa que estuda bastante e se dedica a algum ramo acadêmico”; “Homem de jaleco”; “Pesquisador de jaleco em frente a um computador ou a um béquer no laboratório”; “Alguém com jaleco explicando fatos científicos para crianças”; “Uma pessoa com livros, independente da área”; “Uma pessoa exclusiva, não muito sociável”; entre outros.

Entre as respostas, encontra-se um grande número de associações de ciência na forma de pesquisa em laboratório, o pesquisador químico, de jaleco. Ainda, nota-se grande número de relações de pesquisas com o ambiente acadêmico/universitário. Assim, se por um lado o cientista é associado como um homem de jaleco em um laboratório, também isso se dá em determinado espaço, o universitário.

Sobre os atores sociais *que falam de ciência*, entre os melhores colocados estão “Médico”, com 29 marcações, seguido de “Professor”, com 28, e “Historiador” com 24. Na sequência, “Biólogo” e “Psicanalista” empatam com 23. Já entre os piores colocados estão “Pastor”, com 21, “Padre”, com 18, e “Político” com 16.

A pergunta dissertativa sobre o que os alunos entendem como Ciências Humanas teve como algumas respostas: “O estudo da área que compreende o ser humano e sua relação com a sociedade e com o ambiente”; “Ciências que estudam, na maioria das vezes,

as modificações e histórias feitas pelo homem”; “Estudo das relações entre indivíduos”; “Ciências que não estudam as questões substanciais e nem concretas, se baseiam na subjetividade e compreensão individual”; e “É todo o conhecimento, adquirido através de um método científico, sobre a humanidade”.

Ressalta-se o aspecto histórico e social em meio aos estudos da área, com ênfase à humanidade como um todo. Mas as respostas evidenciam que não se sabe o que são ciências humanas. Sabe-se o que não são: nem exatas e nem biológicas. São estudos que não envolvem tanta matemática. Ou, ainda, de o que se entende por humanidades estar associado ao conteúdo programático que se vê em sala de aula, a saber: humanas são história e geografia; ou história, geografia e sociologia; ou, ainda, filosofia, sociologia, história.

Nota-se certo escape de preconceito e desconhecimento, como no caso da resposta: “[são] Ciências que não estudam as questões substanciais e nem concretas, se baseiam na subjetividade e compreensão individual”. Ainda, nesse mesmo levantamento, houve quem dissesse o oposto, atentando exatamente para o *método de pesquisa*, o que é de grande relevância ao se falar de ciência, bem como aquilo que define uma área de conhecimento.

OS DADOS EM DISCURSO

“A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem” (ORLANDI, 2004, p.9). O que se tem, a partir do levantamento anterior, nada mais é do que a relação que este grupo selecionado tem sobre ciências humanas. Ou seja, recuperam-se gestos de leituras, trabalhos de interpretação dos sujeitos com o real e o simbólico pela via da memória (discursiva). Não se espera, em momento algum, o efeito de completude e de asseverar uma interpretação dominante acerca do tema.

Aliás, é inclusive incomum o uso de questionário para composição de um corpus de pesquisa do discurso e, a partir disso, ser feita uma análise. Entretanto, cruzam-se diversos temas de interesse que vêm a se en-

contrar no discurso, que é a “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2010, p.15). Inclusive, para a Análise de Discurso, o dado, em si, faz parte de uma noção positivista da ciência ao se desconsiderar o lugar do sujeito e da interpretação acerca do que foi levantado (ORLANDI, 2004, p. 44). Parte-se, pois, das respostas dos alunos para uma discussão discursiva acerca da produção de sentidos.

Faz parte da reflexão, ainda, a insistência de Pêcheux (2016) sobre as condições históricas e contraditórias dessas produções de sentidos, que inclusive consideram o lugar da contradição como constitutiva do jogo discursivo. A contradição é, também, o lugar das ciências humanas em meio à cientificidade das ciências da natureza, conforme visto em algumas respostas dos alunos. É espaço de questionamentos constantes, inclusive sobre si mesma, bem como dentro de seus respectivos campos do saber.

“A questão da objetividade dos conhecimentos [...] torna-se, então, o lugar de uma problemática científica; a saber, a das formas históricas de produção de conhecimentos” (PÊCHEUX, 2016, p. 232). Resgata-se, com isso, que essa forma histórica de produção de conhecimento se dá desde a infância, durante a vida escolar, cuja experiência vai acompanhar tais alunos ao longo da vida. De igual maneira, a falta desse movimento de produção também é significativa na forma com que os sujeitos se relacionam com o mundo.

O exposto aqui não tem nem solução fácil e nem fechamento evidente. Afinal, a descontinuidade do saber se relaciona diretamente com a dispersão necessária do conhecimento, aspirando a uma unidade (ORLANDI, 2004, p.34). Mas a unidade nunca vai existir. Ou seja, se os conhecimentos científicos são assim, dispersos, torna-se interessante questionar qual é esse efeito unidade tido por alunos acerca, no caso, de ciências humanas. Espera-se que, com isso, outros gestos possam ocorrer a partir da metodologia aqui exposta. As perguntas, afinal, nunca se cansam de reaparecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a algo que se denomina Percepção Pública de Ciência e Tecnologia, o presente texto surge com a intenção de deslocar a concepção sobre o pensamento científico ao dar foco para as ciências humanas. Tudo isso em meio a condições externas de debates em que as humanidades são descartadas como irrelevantes, entre tantas outras definições. Ainda assim, buscou-se atentar para sujeitos que encerram, na atualidade, seus estudos escolares e podem, em breve, entrar num nível superior de ensino. Este comporta diversas áreas científicas, ao compasso em que, do lado deslegitimado do conhecimento, discursos pseudocientíficos e anticientíficos tomam corpo no debate social.

São esses estudantes que, adiante na vida, serão profissionais e, de certo modo, também ocuparão lugares como atores sociais, conforme a questão 7. Se na atualidade é notável que as ciências estão em destaque, é também de se considerar a existência de movimentos que são contrários a elas. Não apenas às ciências humanas, mas sim à Ciência como um todo (daí a diferenciação com a letra maiúscula). Cabe-se, dessa forma, refletir não apenas sobre o fazer científico, mas sobre a própria concepção de o que é Ciência.

O levantamento aqui exposto é compreendido como uma pesquisa de caráter exploratório, como um direcionamento para, quem sabe, dele sejam realizados outros levantamentos, até mesmo sobre diferentes áreas de conhecimento que possam se interessar pelo assunto. Talvez essa seja uma das belezas em se falar de ciência(s), elas não se esgotam, não se findam. Se assim fosse, não haveria sentido em pesquisar, já que o mundo estaria compreendido por completo. Mas nunca está.

NOTAS DE FIM

1 Disponível em:
<<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/06/19/mais-da-metade-dos-brasileiros-de-25-anos-ou-mais-ainda-nao-concluiu-a-educacao-basica-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

2 Disponível em:
 <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/brasileiro-acredita-mais-em-professores-veja-lista-das-profissoes-mais-confiaveis/>>. Acesso em: 9 nov. 2019.

REFERÊNCIAS

ORDINE, N. **A utilidade do inútil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2010.

HENRY, P. A história não existe? In: ORLANDI, E. Pi. (Org.) **Gestos de Leitura**. 3. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2010. p. 23-48.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad: Eni Orlandi et al. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultix, 2013.

SOBRE O AUTOR

Gabriel Agustinho Piazzentin tem graduação em Linguística pela Unicamp e em Jornalismo pela Unimep. Atualmente, é estudante do programa de mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Labjor/IEL da Unicamp, tendo como objeto de pesquisa na dissertação a divulgação científica da linguística.

ANEXO – Questionário Percepção Pública de Ciência

Este formulário faz parte de uma pesquisa de percepção pública de Ciência. As respostas são anônimas e servirão como base para um estudo de disciplina do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do LABJOR/UNICAMP.

Idade ____.
 Gênero _____.
 Cor _____.
 Cidade em que mora _____.
 Quantas pessoas moram na sua casa?
 _____.

Você mora em casa própria ou alugada?
 _____.

1) Como você avalia o seu interesse por Ciência? Escolha somente uma opção.

- () Nenhum interesse.
 () Pouco interesse.
 () Muito interesse.
 () Total interesse.

2) Com que frequência você busca conteúdo científico? Escolha somente uma opção.

- () Nunca.
 () Raramente.
 () Semanalmente.
 () Diariamente.

3) Onde você costuma se informar sobre Ciência?

- () TV.
 () Jornais.
 () Revistas.
 () Internet.
 () Outros. Quais? _____.
 () Não se informa

4) Qual a imagem que vem à cabeça quando você imagina um cientista?

5) Assinale quais dos campos abaixo você considera como científicos. Pode assinalar mais de uma opção.

() Engenharia.	() Psiquiatria.	() Ciências Sociais.
() Astrologia.	() Filosofia.	() Astronomia.
() Linguística.	() Computação.	() Quiropraxia.
() Religião.	() Feng Shui.	() Sociologia.
() História.	() Biologia.	() Homeopatia.
() Jornalismo.	() Medicina Quântica.	() Acupuntura.
() Cientologia.	() Economia.	
() Medicina.	() Fitoterapia.	

6) Como você avalia a importância dos campos abaixo? Avalie de 1 a 4, em que 1 re-

apresenta nenhuma importância, 2 pouca importância, 3 muita importância e 4 total importância.

<input type="checkbox"/> Biologia.	<input type="checkbox"/> Física.	<input type="checkbox"/> Arquitetura.
<input type="checkbox"/> História.	<input type="checkbox"/> Zootecnia.	<input type="checkbox"/> Filosofia.
<input type="checkbox"/> Linguística.	<input type="checkbox"/> Nutrição.	<input type="checkbox"/> Design de Games.
<input type="checkbox"/> Enfermagem.	<input type="checkbox"/> Agronomia.	<input type="checkbox"/> Medicina.
<input type="checkbox"/> Matemática.	<input type="checkbox"/> Direito.	<input type="checkbox"/> Economia.

7) Quanto de confiança que você tem quando uma das figuras abaixo fala sobre ciência? Avalie de 1 a 4, em que 1 significa nenhuma confiança, 2 pouca confiança, 3 muita confiança e 4 total confiança.

<input type="checkbox"/> Jornalista.	<input type="checkbox"/> Coach.	<input type="checkbox"/> Historiador.
<input type="checkbox"/> Médico.	<input type="checkbox"/> Psicanalista.	<input type="checkbox"/> Sindicalista.
<input type="checkbox"/> Advogado.	<input type="checkbox"/> Biólogo.	<input type="checkbox"/> Mèdium.
<input type="checkbox"/> Padre.	<input type="checkbox"/> Astrólogo.	<input type="checkbox"/> Filósofo.
<input type="checkbox"/> Professor.	<input type="checkbox"/> Juiz.	<input type="checkbox"/> Economista.
<input type="checkbox"/> Bombeiro.	<input type="checkbox"/> Policial.	<input type="checkbox"/> Homeopata.
<input type="checkbox"/> Pastor.	<input type="checkbox"/> Político.	

8) O que você entende por *Ciências Humanas*?

9) A seguir você vai ler uma lista de assuntos. Por favor, indique se você desconhece (1), se não tem nenhum interesse (2), se tem pouco interesse (3) ou se tem muito interesse (4).

<input type="checkbox"/> Administração.	<input type="checkbox"/> Filosofia.	<input type="checkbox"/> Marketing.
<input type="checkbox"/> Arqueologia.	<input type="checkbox"/> Gastronomia.	<input type="checkbox"/> Museologia.
<input type="checkbox"/> Biblioteconomia.	<input type="checkbox"/> Geografia.	<input type="checkbox"/> Pedagogia.
<input type="checkbox"/> Comunicação Social.	<input type="checkbox"/> História.	<input type="checkbox"/> Serviço Social.
<input type="checkbox"/> Design de Interiores.	<input type="checkbox"/> Jornalismo.	<input type="checkbox"/> Teologia.
<input type="checkbox"/> Direito.	<input type="checkbox"/> Linguística.	<input type="checkbox"/> Turismo.
<input type="checkbox"/> Economia.	<input type="checkbox"/> Literatura.	

Percepção geral do questionário

Por favor, comente o que achou do questionário. Foi claro? Houve alguma dificuldade de compreensão? As perguntas foram difíceis de responder? Ou algum outro ponto que achar necessário.
